



N.º 2

RENOVAÇÃO

Renovação

REVISTA QUINZENAL DE ARTE, LITERATURA E ACTUALIDADES

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MÊS

Director: *Santos Arranha* * Editor: *Alexandre de Assis* * Propriedade da Secção Editorial de «A BATALHA»
Oficinas de composição e impressão: *Imprensa Beza — R. da Rosa, 99 a 107*
Redacção e Administração: *Calçada do Combro, 38-A, 2.º — Lisboa* Telefone: *Trindade 3-39*

SUMARIO do numero anterior:

O' GRAXA!... O' GRAXA!... com gravuras, por *M. D.*—OS FAROLEIROS, com gravura, por *N. de B.*—O CINEMATÓGRAFO com retrato do inventor das figuras animadas — O SILÊNCIO QUE OPRIME E O SILÊNCIO QUE LIBERTA, com gravuras, por *Mário Domingues*—BAILADOS FILOSÓFICOS, com gravura, por *Eduardo Frias*—ALBERTO GHIRALDO, com retrato do escritor revolucionário argentino, por *Ferreira de Castro*—A CAIXA RECEPTÁCULO POSTAL, com gravura — COMO SE RESOLVERIA O PROBLEMA DA HABITAÇÃO — com gravuras — AS SUPERSTIÇÕES EM PORTUGAL, por *Ladislau Batalha* — ERNESTO DA SILVA, com retrato, por *Nogueira de Brito* — A CONSCIENCIA, soneto de *Bento Faria* — NA CAPA, desenho de *Botelho*.

Ano I—Numero 21

Lisboa, 1 de Maio de 1926

Renovação

VELHAS E NOVAS ROSAS DE MAIO



Quando maio abria a sua alvorada e os primeiros raios d'um lindo sol chupavam as lágrimas das rosas, os trabalhadores enchiam do calor da esperança os seus lares e embriam nele as lágrimas de suas dôres.

No primeiro de maio — ha vinte anos, talvez ha menos — por toda a cidade, nos bairros operarios, se preparavam para a manifestação os obreiros que iam em cortejo, aos Prazeres, á campa de José Fontana, escutar os discursos dos seus chefes.

Então o operariado, numa infancia de socialismo ingenuo, tinha chefes.

Eram os que tinham ouvido a palavra mansa, com seu ralo de pulmões desfeitos de Fontana, as apostrofes de Antero e as poesias candentes de Gomes Leal nas quais se enalteciam os pobresinhos, os famintos com um sentimento piedoso, cristão, explodindo, depois, em revoltas.

Acrescentara-se ao grupo dirigente todos os que falavam com mais eloquencia, coavam dos labios, cautelosamente as doutrinas não proclamavam rasões máximas, antes diluam em preconceituosos dizeres suas opiniões de rebeldes. Só uma voz ousada, clamorosa, unvida de incitamentos e sagrada de miserias reboava no meio dos perfumados discursos dos socialistas serenos. Saía de uma bôca contorcida e sarcástica; vibrantemente enchia o espaço; dois braços saindo de mangas rotas se agitavam e uma cabeça calva como a dum apóstolo, era a cupula que lusia ao som dessas vergastadas nos burgueses.

Quem falava assim era um sapateiro, palido, de olhos doentes; chamava-se Bartolomeu Constantino. Era anarquista.

Surpreendia pela acção: admirava pela fluencia. Os grupos passavam formando longos cortejos com suas bandeiras altas, levando seus carros de officios e artes, enfeitados, emblematicos, entre palmas verdes, refletindo a luz do sol esplendoroso; á frente de cada agremiação, iam os dirigentes, com suas bandas vermelhas de letras gravadas a oiro; para cada nucleo havia uma flarmonica e

as calças brancas dos musicos, os metais rebrilhantes, os bonets agaloados, nos lencinhos os pescoços suados davam a essa passagem dos revoltados um ar ingenuo, procissocial, como de um cirio que enternecia pelo numero, pela compostura, pela esperança de aqueles olhares.

Era o primeiro de maio. Nesse dia paravam os transportes mas as ruas enchiam-se de povoleu que ia ver passar o cortejo simplista, quasi official, com seus carros eguaes a andôres, suas fochas, lembrando signas de outras idades, suas bandeiras como pendões religiosos.

Milhares de homens atravessavam a cidade; erguiam as cabeças, quasi todos floriavam as lapelas e sentia-se terem-se arranjado, barbeado, escarolado a capricho para a pompa do seu dia feliz.

Pedreiros, carpinteiros, metalurgicos, graficos, de bela compostura de arte nobre, pintôres, artifices de todas as especies, caieiros e padeiros, os carroceiros agremiados, estucadores e cabouqueiros, a gente dos fornos da cal, que se conhecia pelo devastamento dos cabelos e pestanas, lá iam ao som plangente do seu hino do Trabalho em que havia doçuras de preces, embalas de tristezas sem uma nota mais alta que fosse um berro contra as desditas. O hino do Primeiro de Maio era uma oração; o da Internacional é uma ameaça. Um supplica, o outro exige, aquele indica, este impõe, o primeiro murmura, o segundo grita; o dos socialistas de hontem é a fatalidade resignada, o dos trabalhistas de hoje é o do mau fado que se repele, se detesta, se esmaga.

Pois era na soada terna de aquela musica sagrada mas calma que os trabalhadores desfilavam no dia dedicado á rebelião. Os burgueses sorriam; viam-nos como a um cirio popular e laico que era enternecedor assim em sua união mas que, amanhã desfeita, continuava a não representar mais do que uma aspiração embalada nos compassos de uma marcha poetica, romantica, sem finalidades.

Era, todavia, formoso de intenção esse primeiro de maio inicial de ha quinze ou vinte anos, no seu ingenuo desfile de proletarios nas horas em que o sol alastrava seus esplendores e as rosas se debruçavam dos muros para os vêr passar sangrando em seu vermelho ou desmaido em suas brancuras como simbolos dos que se exauriam e feneciam na luta, querendo reagir, mas caminhando na vida confo no seu cortejo no passo lento, demorado, no compasso do seu fado triste.

Foi assim o inicio. A rebeldia era então um murmuro, uma magua, uma queixasinha infantil, vaga, desolada...

Decorreram os anos; modificaram-se os processos. Dos simplismos do cooperativismo falhado passou-se para a organização sindical. Começou-se por querer dar uma mentalidade ao trabalhador, desliga-lo das chefias absolutas, fase-lo compreender as doutrinas.

O Primeiro de Maio passou a ser um dia melhor consagrado a essa idea das reivindicações mas apresentado já como uma conquista. Venceram-se os três oitos que os socialistas na incipencia do movimento proletario entreviam com carretas, tornaram-se em positivas regalias que apenas não foram applicadas ainda na sua pura essencia.

Oito horas de trabalho, oito de estudo, oito de descanso. Sómente não se estuda; o resto conquistaram-no os filhos de aqueles trabalhadores que iam no seu cortejo na sombra das bandeiras pacificas.

Levou tempo mas venceram e, todavia, as luctas não pararam. Os cortejos sumiram-se mas o trabalho paralizou-se no dia festivo.

Por toda a terra culta se fazem manifestações; tem Portugal realizam-se sessões solenes, não se desce á rua como em Paris a ir celebrar os mortos. No muro de Pére Lachaise, contra o qual foram fusilados os comunistas, vão depor-se corôas de perpetuas vermelhas. Em Londres desfiliam milhares de trabalhistas diante dos Bancos fechados como fortalezas receosas; em Berlim canta-se religiosamente a *Internacional* e na Russia é já uma cerimonia o ficial que se celebra com as tropas nas ruas e os canhões troando.

Entre nós aboliram-se os cortejos num desdem pelas antigas procissões dos socialistas domadas a uma disciplinadora formula. Porém, de quando em quando, mesmo longe do maio das reivindicações, o proletariado ainda se junta para a colectiva passagem nas ruas. Já não leva bandas de musica nem alteia pendões cobertos de flores, não enfeita as lapelas nem os carros entestam os cortejos, e, todavia, as suas marchas fazem reflectir mais do que os antigos desfiles organizados, regrados como em exercicios.

Ha anos, ainda, quando foram conduzidos ao Lioeiro alguns dos operarios acusados de agitadores pelos governos da republica, fez-se uma manifestação singular que jãmais pode ser olvidada e que se diferenciou muito dos antigos passos dos proletarios no seu dia solene.

Milhares de homens, em seus trajos de trabalho, sem insignias, sem bandeiras, sem musicas, sem mesmo entoarem o cantico da revolta traduzido em todas as linguas, passaram diante da prisão onde jaziam os seus companheiros.



Estes estavam encarcerados no grupo B. cujas grades deitam para a rua, e diante do edificio, serenamente, gravemente, numa marcha cadenciada mas sem alarde de atitudes, conscientes e severos, os agremiados desfilaram.

Pedreiros, carpinteiros, metalurgicos, padeiros, tipografos, carroceiros, caeiros, cavadores — e eram enternecedores os

rurais com seus trajos aldeãos — hirtos, firmes, de cabeças altas, os olhos voltados para os gradões, passaram numa continencia de solidariedade em frente da cadeia

Aquilo queria dizer: Não estais sós; tendes as vossas consciencias mas tendes tambem convosco os vossos camaradas. Sofreis! Convosco estamos! Viemos das officinas, das minas, dos campos, dos labores, saímos de baixo da terra e abandonámos o mar, descemos dos corucheos das torres e largamos os nossos carros para vos dizer que a vosso lado estamos como camaradas e como sacrificados!

E estas palavras, que vibravam em todos os espiritos, nos dos presos e nos dos companheiros que os saudavam, não eram pronunciadas, passavam telepaticamente nos ares e iam dos corações duns meter-se, aninhar-se transfundir-se nos corações dos outros.

Ha quinze ou vinte anos recordavam-se os mortos com linos e discursos, levavam-se os carros enfeitados e bandeiras hasteadas até ás campas; agora, transposta a distancia, ganhas as primeiras batalhas, passa-se em silencio diante dos vivos enclausurados.

Sómente, num momento, num espontaneo gesto colectivo, epidemico, porem consciente, de todos os bolsos saíram lenços que acenaram para as grades. Era como uma nevoada de milhares de muitos milhares de pombas rufando as asas sem ruido. Parara-se uns instantes; lá de cima, por entre os ferros, acenava-se tambem e nem um grito, nem um brado, nem um cantico. Depois, começou-se a marcha.

Sómente nas pedras do caminho ressoam os passos de aqueles milhares de homens de trabalho, cavos, profundos, como os dum exercito, sabedor de seu destino, crente nas suas fileiras, olhando um carcere lobrego e visionando uma aurora.

Nos primeiros de maio antigos ensaiava-se o protesto sorrindo, titubeando, infantilmente. A maioria dos trabalhadores chegou. Os seus Primeiros de Maio já não carecem de signos. As rosas que sangram em sua vermelhidão, ou que esmorecem em suas tonalidades doces, são como recordações do sangue e dos tormentos que se procuram apagar ao depô-las no altar do Trabalho, neste mês das flôres formosas, de Maria, sofredora por seu Filho sacrificado ao bem dos humildes, e das reivindicações



(Desenho de Cristiano de Carvalho)

dos proletários, dos descendentes daqueles que, suplices e mansos, entoavam o seu hino como preces.

E' bem mais forte o silencio de hoje. Silencio soleno como a imensidade, silencio de fortes aguardando a hora da derrocada que o quebre, o dissolva, o perturbe, o transforme na Aleluia que se segue sempre ás quadras tortuosas dos sofrimentos.

Entre as musicas de hontem e a calada de hoje, ha um orbe, um mundo novo no qual se espera e se confia que todos possam colher rosas e comer pão sem o ensanguentarem com as picadas dos espinhos e sem as colherem para as vender aos felizes, levando-lhas a troco dumas codeas.

Ha um mundo novo, é certo. Só não o veem os que riem; melhor o divizam, através das suas lagrimas, os que choram.

Rochu Martins

O MERCADO DO TRABALHO



ELA manhã, muito cedo, ao romper do sol, a praça Duque da Terceira é um acampamento de proscritos, gente singular que parece ter sido expulsa das profundidades da terra, para expor á claridade do dia o calvario da sua existencia subterranea.

E' uma chusma enorme, fragmentada em grandes nucleos de homens, que se confundem todos numa amalgama negra, espapassada de fadiga, ajoujada ao peso dum drama ignorado. Tudo neles é negro. A roupa, as mãos, as pernas, o rosto, oferecendo a nitida

mercado, e a mercadoria é esta chusma negra, são estes homens que esperam aos magotes a sua vez de vender o seu esforço, de alugar por um dia o seu braço, os seus ombros, no serviço herculeo da descarga nos navios acostados á muralha...

Estão ali, expostos na praça publica como animais numa feira, aguardando a hora do contracto de trabalho, contracto que é feito dia a dia, á escolha caprichosa do capataz.

Estão ali como abandonaram o trabalho na vespera, com a mesma roupa enegrecida ao contacto com o carvão, o rosto e as mãos da mesma côr do fato, verdadeiros escravos que só vivem para o trabalho que não consente



Expostos na praça publica como animais numa feira, aguardando a hora do contracto do trabalho

configuração duma caterva de escravos, aguardando a hora do suplicio, para regalo dos amos.

Estão estendidos, como peças de mostruario, ao longo dos passeios, sentados no rebor-do das valetas ou sobre cestos, negros tambem, confundidos no mesmo negrume do pó do carvão.

Outros, mais distantes, formando sempre compactos grupos, gesticulam numa enorme algazarra, que lembra o tumultuar de vozes erando num mercado.

Afinal aqui tambem não deixa de haver um

nada, que os não deixa ter casa, vida propria, higiene.

Moram aos ranchos, numas baiucas junto ao caes, ou num grande quarto num hotel de pernoitar, estendidos a esmo sobre o chão, empilhados, vestidos.

Pela manhã, levantam-se, esfregam os olhos, e um outro dia de labuta vai copiar toda uma existencia assim, animal, escravizada.

Invadem as tabernas proximas, ou envolvem, como um enxame, os quiosques abertos áquela hora, ás primeiras horas da manhã; e estão

O HOMEM

*Em torno da caverna eu rastejava,
vogando o olhar pelas campinas belas;
e, mal ouvia a fúria das procelas,
na sombria morada me ocultava.*

*Por fim a luz do ceu já encarava,
nem tinha medo ao brilho das estrêlas;
e até mesmo, p'ra estar mais perto delas,
subia aos altos montes e admirava ...*

*Passaram anos, séculos ... Eu tinha
na mente inquieta um vago ideal de amor,
e a scismar longas horas me detinha.*

*Pensei, amei ... e, olhando derredor,
vêjo que a terra inteira é obra minha.
Hoje igualo-me ao sol: sou criadôr!*

1926.

(INEDITO)

Bento Faria

deitados pelos passeios, ou de pé, numa vazeira de mercado, esperando o que eles chamam a «hora do conto».

O «conto» é um ritual de contracto de trabalho.

Assim que lobrigam os capatazes, os carregadores, formam como tropa, como num presídio á hora do rancho, e então, na praça, a multidão numerosa que espera a sua vez para trabalhar, fracciona-se com metodo, o metodo do habito e da obediencia, em verdadeiros pelotões, alinhados, como presidiarios.

O capataz, modos bruscos, velho estilo de comando, atitudes de desprezo de autentico roceiro, passa revista á linha negra que encobre, no seu miseravel aspecto, um grupo de trabalhadores vivendo o seculo prodigioso dos grandes progressos mecanicos. Esta passagem tem alguma coisa de solene, porque está tudo silencioso, como se um chicote estivesse prestes a retalhar as carnes de quem ousasse romper esta praxe que contem seculos de existencia.

O capataz fez a sua inspecção, a sua escolha. Volta a passar revista, e então realiza-se o que verdadeiramente se chama o «conto». E' a contagem dos trabalhadores apontados a dedo, que devem «abandonar a forma» para formar

outro grupo, afinal outros grupos, dos felizes que nesse dia podem ferir os ombros a carregar com toneladas de trigo, para alcançar um pão.

— Tu... Tu...

E sob esta indicação, ha grupos que se desmancham, outros grupos que se formam, até que o capataz grita:

— Ala!...

E sempre formados, os grupos de carregadores, assim escolhidos, marcham para a muralha a arrancar ao fundo dos porões a carga que representa o trabalho de muitos outros companheiros de servidão.

Entretanto, os trabalhadores que nesse dia não foram escolhidos, não tendo casa, não tendo a minima idéa da vida, não sabendo que

fazer de si proprios, com o fato, as mãos, o rosto enegrecidos do carvão, desaparecem nas ruas tenebrosas que pululam proximo dos caes, e enfiam pelas tabernas, atirando-se contrafeitos, indiferentes, sobre um banco, aguardando que o taberneiro lhes traga num copo ou numa garrafa, a sua unica felicidade...



Edward Faria

ANTERO DO QUENTAL



O! no domingo 18 que no jardim da Estrela se fez o lançamento da primeira pedra para o monumento que em Lisboa vai ser levantado a Antero do Quental. A circunstancia da cerimonia official ter tido uma grande simplicidade, não serviria de rasão a pouca-la. Não são as artificiosas demonstrações, as espalhafatosas revelações de respeito e adoração, que dão a estas ceremonias a grandeza que elas devem revestir como signficado elevado dum preito que se tributa aos homens que em qualquer país se tornaram grandes.

A simplicidade, a modestia, muitissimas vezes traduzem com bem mais verdade e elo-



Antero do Quental

quencia, o sentido dessas homenagens postumas.

Mas essa simplicidade é bem de outra especie, dita-a o sentimento natural que os homens possuem quando a sua intelligencia ou a sua intuição se dirigem ao culto que lhes merecem os grandes talentos.

Mas a cerimonia de agora, foi simplesmente «official», nada mais e... nada menos.

Alguns *fracks* bem engomados, ou mal, pouco importa, o elemento dirigente do país, duas ou três pessoas e a vereação municipal.

Onde estava o povo que Antero do Quental tantas ocasiões acarinhou nos seus escritos admiraveis, fulgidos, combativos? Poucos sabem

em Portugal quem foi esse robustissimo espirito que foi o autor das «Odes Modernas».

Intelligencia duma grandesa que ainda não foi suficientemente limitada, porque os seus biografos teem oscilado na conformidade das *nuances* do seu genio, resistente organização que até á morte manteve o facho da verdade com a intensidade de beleza que só os predestinados sabem e conseguem manter, Antero do Quental é hoje um desconhecido para quasi toda a gente, e nem as consagrações officiaes poderão acender a memoria do seu talento, se não houver quem diga aos portuguezes que labutam quem foi esse homem extraordinario que aos desprotegidos se chegou sempre, e em cuja obra scintilam as maiores catilnarias que na lingua portugueza teem sido produzidas em desfavor dos que de cima não olham as miserias dos pobres e dos perseguidos! Antero a par do poeta magistral que foi, revestiu tambem um aspecto de combatividade que hoje se vai perdendo, tão enfraquecida está já a luta, tão esmorecidas se acham as vontades, tão debeis se mostram infelicamente os caracteres. A nós, os que formamos na avança-da das ideias, compete fazer destacar a obra socialista do grande escritor, explicar a sua tenacissima acção na epoca em que viveu, em que as correntes mais interessantes do liberalismo iam fazendo produzir o seu efeito. O fermento de revolta contra velhas formulas irrompia então. Defrontando-se com os principios inalteraveis, rigidos, duma literatura aleivosamente academica, Antero teve por vezes que sacudir dos caminhos o embaraço que punham á gestação e livre desenvolvimento da sua obra, os apostolos irreductiveis de doutrinas mentais sedições, de sistemas de cultura bafientos! No campo designadamente social, Antero desceu veses inumeras à liça onde as ideias se chocavam, os homens se debatiam e os principios colidiam. No ministerio do Marquez de Avila, quando em Lisboa se levaram a cabo algumas conferencias democraticas, o mesmo estadista, com o criterio estreito dos reaccionarios do pensamento, resolveu encerrar a sala onde elas tiveram logar.

Antero, na imprensa, escreveu uma carta em que ha periodos assim: *Particularmente não lhe escreveria, porque me prezo de não ter por correspondentes senão pessoas inteligentes, pouco condecoradas e de provada ortodoxia em gramatica portugueza*..... Referindo-se á portaria que mandava fechar a casa: *E' um ato não só contrario à lei e ao espirito da epoca, mas sobretudo atentatorio da liberdade do pensamento, da liberdade da palavra e da liberdade da reunião, isto é, daqueles sagrados direitos sem os quais não ha sociedade humana, ver-*

dadeira sociedade humana, no sentido ideal, justo e terno da palavra.

Em 1880, Antero agradecendo do Partido Socialista a sua candidatura, tem afirmações desta natureza: *Se como pretendéis, vos é cara a reivindicação do direito do Povo, porque é que nos vossos*



A cerimonia official do lançamento da primeira pedra para o monumento a Antero do Quental, no Jardim da Estrela.

programas se não menciona, nem sequer por alusão, a ideia em que se resumem todas as aspirações populares, a destruição do privilegio proprietario e capitalista, o fim do reinado da usura, a soberania do trabalho organizado, a igualdade economica? Burgueses radicais, se a vossa republica não é mais do que a republica do Capital, assim como a monarchia dos conservadores não é mais do que a monarchia do Capital, que temos nós, proletariado, que vê com essa esteril questão de forma?

*
* *

Antero do Quental reagiu contra os patriarcas da literatura, riu-se deles, não aceitou imposição de muitos, resistiu, e com a sua argumentação contundente fustigou-os tremendamente. Em 1865 e 1866, ao verberar-se a celebre *questão literaria* ou a *questão de Coimbra* em que as discussões se travaram durante seis meses, os *novos*, a que pertenciam Antero, Teófilo Braga, Vieira de Castro e outros, abriram brecha na velha escola em que Antonio Feliciano de Castilho pontificava.

Antero escreve a Castilho = *Mas, a guerra faz-se á independencia irreverente de escritores que entendem fazer por si o seu caminho, sem pedirem licença aos mestres... Para as literaturas officiais, para as reputações estabelecidas, mais criminoso do que manchar a verdade com a baba dos sofismas, é essa falta de querer caminhar por si, de «dizer» e não repetir, de inventar e não de «copiar»... O escritor quere o espirito livre de*

jugos, o pensamento livre de preconceitos e respeitos inuteis, o coração livre de vaidades, incorruptivel, intemerato. Nesta escola do trabalho, da dignidade, das altas convicções, se formam os homens em que a humanidade encontra sempre um vasto lago onde farte a sêde de verdade, de consolações, de ensinios para a intelligencia e confortos para o coração.

O revoltado que foi Antero tem de ser compreendido pelos revoltados; o trabalhador, o verdadeiro socialista que ele foi, tem de ser compreendido pela massa trabalhadora.

Amanhã, breve, quando á memoria de Antero se fizer a manifestação official que já se anuncia, é indispensavel que a classe operaria contraponha a ella a sua manifestação. Essa manifestação é uma afirmação da vitalidade dos que trabalham, dos que pensam livremente, e a Confederação Geral do Trabalho pelo seu esforço, pela voz dos seus militantes, não pode alheiar se dela, tem que tomar a sua dianteira, orientando as classes do proletariado, nesse sentido, para que Antero tenha a consagração de quem mais direito tem a prestar-lh'a.

Nogueira de Brito

O Cristianismo não se fundou para ensinar os homens a dar esmolas, mas para criar nos espiritos aspirações de liberdade.

BENTO FARIA



As flores como eterno motivo de beleza



Eu nasci em Maio e o meu primeiro olhar deve ter sido para uma flor — uma dessas flores que caem murchas, na penumbra das alcovas. O meu primeiro olhar deve ter sido para uma flor — uma flor triste em sua agonia, uma flor que devia ter as pétalas quasi negras.

Só mais tarde eu vi a montanha que ficava por detraz da minha casa — e os homens que passavam e que aplaudiam a minha mãe quando esta me castigava, dizendo:

— Nessa idade é que se principia a ensina-los...

Esta recordação nunca mais fugirá do meu cérebro: — vejo ainda a mão de minha mãe erguida sobre mim, a estrada branca e serpeante, aquele homem imbecil que chancelava o castigo, e eu, pequeno, tremulo — quatro anos iletrados, tempo já perdido na bruma da longitude.

Mas esse meu primeiro olhar para o mundo, esse primeiro olhar que deve ter-se fixado numa flôr, tem exercido sobre mim uma longa influencia.

Eu tinha seis anos — e já tinha um jardim... Dois metros de terra junto a um combro, que eu vinha cultivar quando abandonava os bancos escolares.

Um caixote vazio, onde pudesse plantar um lírio, tinha para mim o valor dessas caixas cheias de ouro que em ilhas desconhecidas abandonavam antigos piratas.

Lírios, rosas e margaridas, desabrochadas dificilmente e uma velha macieira, que talvez já não exista, constituíam o grande encanto da minha infancia já distante.

A minha mãe elogiava-me aquela devoção para as flores e nesses elogios eu encontrei os raros momentos de felicidade de toda a minha vida...

Depois veio o exílio — a passagem para lá da linha do horizonte que eu via desde a terra nativa. E para além do Atlantico eu levei aquela preocupação das flores e das arvores. Ia nos meus olhos, — na minha alma — e na selva amazonense eu quizera que as arvores agrupadas estarecedoramente, emaranhadas sombriamente, se separassem umas das outras para eu contemplar com enlevo a cada uma de per si. E amei as cataleas bizarras que eram como osculos de arco-iris dados na floresta virgem.

Mais tarde, nas cidades, eram ainda os arredores, onde ha arvores e flores, que me tornavam menos estrangeiro entre as gentes cidadinas, mais suportavel o convívio urbano...

E ainda hoje eu sou o solitario que abandona, nas tardes calidas, as ruas tumultuosas para ir deambular nas azinhagas silentes dos arrabaldes — nessas azinhagas onde se debruçam ramos verdes e onde nos namoram flores palidas e rubras.

E alguns acusam-me de romantico, porque em minha literatura desfolho muitas rosas — rosas-chá, brancas como virgens mortas, rosas vermelhas, como labios ardendo em desejo...

Mas quem não ama as flores, quem não se extasia ante o sortilegio que ha na corola duma rosa, ante o enigma que um lírio parece haver trazido do fundo do mar onde dir-se-ha que ele tem as suas primitivas florescencias?

As flores são um motivo estetico e lirico que os poetas esgotaram sem terem esgotado todavia a beleza das flores.

Elas tem um universo subtil, de onde já saiu um livro

de Maeterlinck e de onde podem sair ainda muitas obras primas.

Elas não pertencem ao passado, nem ao presente — elas pertencem á Eternidade: ao ontem, ao hoje, ao amanhã e a todos os dias que hão-de vir.

Elas formam o cortejo extatico das cores e o extase da propria Beleza.

E na alma de todo o individuo ha ansia duma flor, como nos meus olhos está gravada essa primeira rosa que devo ter contemplado ao contemplar pela primeira vez o mundo.

E essa ansia é tão ataviada e humana, que mãos exaustas de labor domestico encontram sempre uns minutos para dedicar ás flores — a essas solitarias flores de cidade que desabrocham nas janelas humildes, para enlevo duns olhos femininos mais humildes ainda.

Esses vasos, agora floridos, que se acumulam em janelas e varandas de bairros pobres, de ruas escusas, esses vasos que são como uma sintese daquele jardim imaginario que todo o individuo tem na alma, esses vasos que para o povo não têm um aspecto decorativo mas sim sugestivo, evidenciam bem esta atracção inata que todos, cultos ou incultos, sapientes ou ignorantes em formulas de estetica, possuímos para as flores.

Para as flores que nos espíam atravez das grades dos jardins, com uma atitude ironica de virgem perturbante que se frustra á posse...

Para as que se curvam ebrias de aroma e quebranto, sob a luz crepuscular, com essa langorosidade das belas madonas outonais...

Para essas que nos grandes rosais são como estrelas brilhando no azul diurno do firmamento, que é o verde da folhagem...

Para essas que desabrocham solitariamente, no recanto dos parques ou dos campos e que tremem assustadas da sua solidão, sob as caricias da brisa...

Para essas que fenecem nos vasos, com o mesmo ritual mudo dos cirios que se queimam, silenciosamente...

Para essas que o calor sensual dos colos femininos vai crestando e para essas que uns labios vermelhos de mulher ferem e mordem, voluptuosamente, cruelmente...

Para todas...

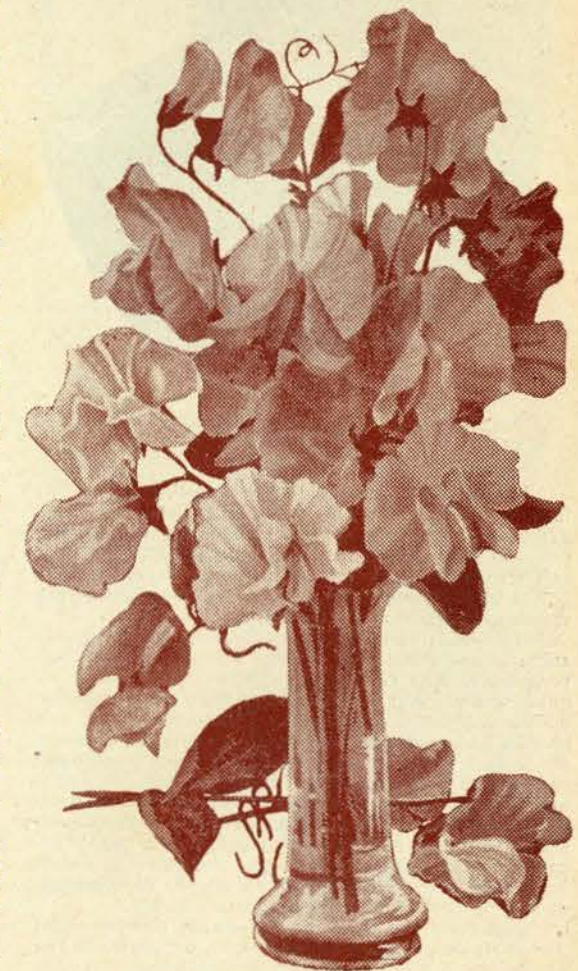
No amôr, na vida e na morte ha sempre uma flôr —

uma triste flôr de sofrimento ou uma fortiva flôr de lirismo.

Devemos ama-las com o mesmo entusiasmo dos pagãos; devemos amar as flores que agora desabrocham em toda a parte, em todos os canteiros de Maio; essas flores que se desvanecem em aroma, como as grandes quimeras, que se desfazem em côr, como esses lírios e essas rosas do meu jardim infantil...

Lisboa, 1926.

Ferreira de Assis



VIDAS AGITADAS

HOMENS E FACTOS

KARL LIEBKNECHT



Karl Liebknecht

Liebknecht é um nome para meditar dentro da história contemporânea do socialismo mundial. A social democracia alemã, eivada dos defeitos dum estaduismo perigoso que mais tarde havia de reflectir-se na acção que teve no momento em que se desencadeiou a grande guerra de 1914, minava os fundamentos mais solidos das doutrinas libertadoras do libertarismo universal.

Os motins sucediam-se, a repressão feroz exercida sobre os evangelisadores sinceros tomavam assustadoras proporções. Não se diga que clamores fortes se não erguessem a verberar os latrocínios, a gritar alto o protesto dos humildes. Mas o enorme socialismo do Estado, esse partido poderoso que foi a social democracia, espalhou por toda a parte os seus tentáculos, hipoteticamente salvadores, problemáticamente reivindicadores. No Parlamento, como na rua, os sociais democratas fizeram paradas das suas forças, estadeiaram a eloquencia fluente dos seus candidatos, mas tudo isso era *fogo-fatuo* que praticamente nada dizia, quando a lição da oportunidade viesse pôr à prova a sinceridade e a eficacia dos seus ataques, a proficuidade dos seus processos de luta.

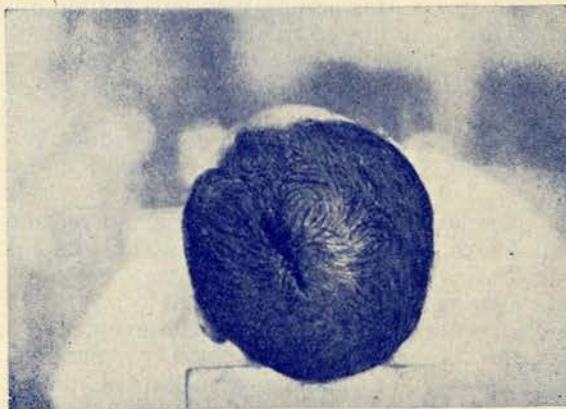
Liebknecht, deputado ao parlamento alemão, social democrata de origem, reconhece o erro, e a claresa do seu discernimento lança desde logo no entusiasmo das suas

atitudes a semente da discordancia salutar que havia de colocar no seu logar o que na verdade poderia marcar para o exito da ideia agitada, para o conseguimento dos fins almejados. O fundador, com Rosa Luxemburgo, do celebre *grupo dos onze*, no parlamento ergue a sua posante voz para estigmatizar o Kaiserismo, para flagelar os instintos guerristas, num momento acendidos na Alemanha com o intenso vigor das grandes aventuras criminosas que os Estados sancionam. Liebknecht combate arduosamente o lançamento de novos impostos que animassem a guerra, atirando novos creditos. As suas palavras formidaveis de convicção, retumbantes de sinceridade e de veemencia, abriram-lhe, desde essa hora, um precipicio em que mais tarde os homens do militarismo o lançariam, na hediondês dos seus crimes impunes, no sarcasmo da glorificação dos seus actos de caserneiros. E o social democrata d'outrora, compreende bem quão desviado andava do bom caminho, quão platonicos eram os seus modos de agir. Em sua volta fizera-se o vacuo da grande maioria dos seus correlegionarios. Soou isolada a sua voz, e se alguem o escutou, poucos foram os que o seguiram com a coragem do seu gesto, á luz do dia, para qu: todos o vissem. A acção parlamentar estava banida do seu estatuto de combatente ousado e entusiastico!

Era preciso ir arrancar as massas indiferentes, ou inconscientemente colaboradoras do crime, ao marasmo em que haviam mergulhado. A insurreição na rua, a propaganda pelo panfleto, tinha de irromper inexoravel, forte, incessante. Guerra sem treguas aos poderes do Estado Capitalista, luta intemerata na barricada contra todos os expoliadores, contra todos os tiranos! O 1.º de Maio de 1917 marca a primeira «sacudidela» no regime autocratico da Germania poderosa e cheia de orgulho. Berlim e outra importante cidade do imperio alemão são batidas pela luta.

Levantam-se barricadas, o povo combate corpo a corpo nas ruas em que uma repressão brutal assentou arraiais.

O estandarte do comunismo, agitado por mãos firmes, que não tremem, ergue-se nalguns centros indus-



A cabeça de Liebknecht fendida por cutilada vibrada por um «heroico» official do Kaiser

triais de maior importância. A própria imprensa francesa acompanha regosijada os acontecimentos, não por ideologia, mas por satisfação de ver a baqueiar os impetus teutonicos.

Num dos sitios mais centrais da capital, Liebknecht distribue proclamações que incitam á revolta contra a guerra e contra o Estado Capitalista. Da sua detenção deriva uma condenação formal que lhe acarreta dois anos de presidio, e a perda da capacidade civil para o exercicio de cargos publicos. O grande caudilho não tem duvida em declarar energicamente, ao ver a atitude da Camara que o deixara entregue á condenação:

E'-me indiferente o proceder da Camara desde que estou convencido que cumpro com o meu dever quando digo ao povo alemão que o Estado é verdadeiramente a tirania entronisada, por mais liberal que esse estado pretenda denominar-se.

Ao lado de Liebknecht estava sempre Rosa Luxemburgo, temperamento as ardentissimo de revolucionaria, que com ele havia de ter a mesma sorte fatal. Esta mulher ativa e duma rara inteligencia, combatera o reformismo no seio da Internacional quando Kautsky tantas provas dava já de vacilação e Guesde nada opunha á teoria de Jaurès, que Victor Adler acarinhava.

Rosa Luxemburgo e Liebknecht são na Alemanha os dois pontos de apoio mais fortes da corrente insurreccional comunista. O seu melhor apoio está na legião denominada *Spartacus*. Em 1919, Rosa e Liebknecht são libertados pela revolução espartaquista, depois de dias gloriosos de luta em que a social democracia miseravelmente se alia á burguesia para a defesa da propriedade capitalista. Mas os odios não amainam, a seita militarista não descansa enquanto não vir cair por terra os dois grandes lutadores. E, em 14 de Janeiro, criminosos da pior especie, antigos officiaes do imperador, assassinam-nos a tiro e a golpes de espada, sem que um arremedo sequer de julgamento os oiça, sem que a mentira da justiça venha ao menos dar o seu veredictum pró-forma. Consumara-se o crime. Desappareciam deste mundo duas das mais altas figuras de combatentes sociais. — N. de B.



Assassinaram-no a tiro e a golpes de espada

O manuscrito do "Paraizo Perdido"

O professor Hugh Canby descobriu, em 1921, ao remecher uma enorme ruma poeirentá de alfarrábios, um manuscrito que imediatamente lhe prendeu a atenção.

Tratava-se duma preciosidade bibliográfica, capaz de fazer enlouquecer de alegria um coleccionador de autógrafos célebres: — nada menos que o original primitivo do poema imortal de Milton, *O Paraizo Perdido*.

O manuscrito é datado de 1623. Como se sabe, o poema levou nove anos a escrever; ditou-o Milton, já cego, vendendo-o depois a um livreiro chamado Symont.

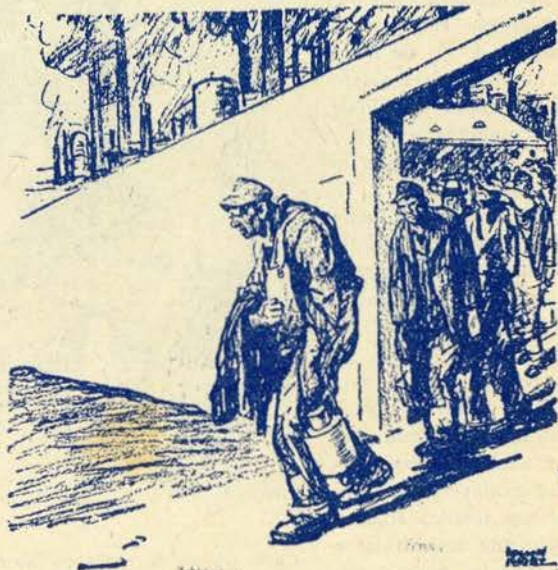
Ainda existe a cópia do contracto, pelo qual o poeta cedia ao livreiro a propriedade da obra por cinco libras esterlinas, antes de impressa, devendo receber igual quantia quando estivessem vendidos trezentos exemplares, e outras cinco pela segunda edição, de igual tiragem. Como se vê, os livreiros nunca foram generosos. Mas voltemos ao precioso achado do professor Canby. Ao que parece, guardou-o ciosamente, não como avaro coleccionador, mas como homem práctico; e provou que o era, vendendo-o agora a um americano amator de autógrafos pela bonita soma de 3.600 dolares.

E lembrar-se a gente que o desgraçado poeta vendeu esse manuscrito por dez libras!

Um "record" de velocidade

O *Mauritânia*, o magnifico paquete da Cinard Line, irmão gêmeo do *Lusitânia* de trágica memoria, e rival do *Titanic*, cujo afundamento mãos criminosamente impeli-

das promoveram, acaba de bater o *record* de velocidade de que êle próprio era detentor. Tendo recebido um *rádio* do vapor *Laleham*, pedindo socôrro, o gigantesco transatlântico forçou as suas máquinas, chegando a atingir 29 milhas de média horaria, quando o seu maximo previsto eram 27.



O SOCIALISMO QUE PASSOU

REMINISCENCIAS DO 1.º DE MAIO

O ANTIGO CORTEJO CIVICO, SUA PREPARAÇÃO E FINS. — O SOCIALISMO

DECAIU OU TRASFORMOU-SE? AS ANTEVISÕES DO FUTURO



Á lá vão muitos anos que isto foi.

Por deliberação de um Congresso Internacional, o Socialismo de então passara a celebrar o 1.º de Maio, mês das flores, como a simbolizar o mês das mais risonhas esperanças de um futuro próspero que viesse tornar a vida da humanidade digna de viver-se.

E o proletariado de todo o mundo civilizado movimentava-se entusiasticamente em manifestações onde

não se respiravam grandezas mas um sincero espirito de confraternização univereal.

Havia naquelas manifestações o que quere que fosse de superior a traduzir aspirações belas de paz e amor.

Discutia-se muito por essa ocasião. Conforme a psicologia de cada povo e a situação das forças socialistas em presença da burguesia, nuns países parava o trabalho todo por imposição dos trabalhadores, enquanto o descanso do 1.º de Maio era noutros países obtido por satisfação a pedidos feitos e muitas vezes por espontânea concessão do patronato.

De uma forma ou de outra, a celebração do 1.º de Maio, como manifestação social das almeçadas reivindicações do futuro, impunha-se.

Numas partes havia conflitos com a policia noutras tudo eram demonstrações de confraternização univereal em numerosas sessões solenes largamente concorridas e frequentadas pelos socia-

listas militantes e tambem pelos curiosos de ambos os sexos que iam ouvir os discursos do operariado, retirando-se frequentemente já filiados nos novos partidos da Internacional.

A preparação do 1.º de Maio vinha fazendo-se com antecipação de muitos dias, semanas e até meses, em Portugal.

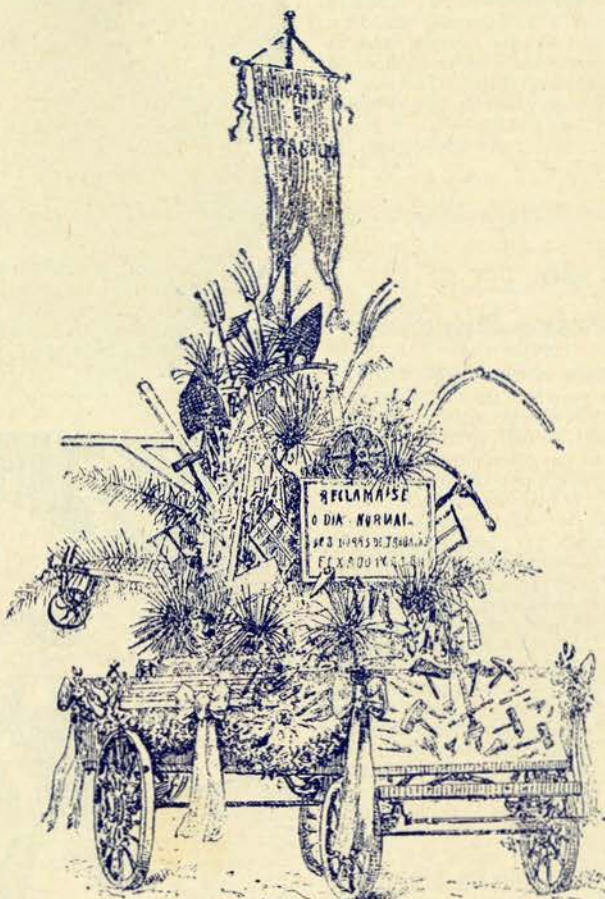
As varias artes e ofícios aprestavam os carros simbólicos dos seus misteres, que haviam de tomar parte no Cortejo, pondo e dispondo com arte e gosto as ferramentas, pedindo por aqui e por ali verdura e flores, renovando as fachas e os estandartes das suas Associações de Classe.

O grande traço de união era a grande necessidade da imprimir ao Cortejo do 1.º de Maio a máxima intensidade de vida, tornando-o impoentissimo sob o ponto de vista moral.

O que de melhor havia no proletariado vinha naquele dia para a rua. As Sociedades de Recreio ensaiavam os seus melhores reportórios e aprestavam-se a tocar o Hino Operario que entre nós um operario mesmo tinha escrito.

Muitas escolas particulares, principalmente as escolas socialistas e republicanas que então eram muito mais numerosas do que hoje, vinham encorporar-se no Cortejo, apresentando as suas crianças de ambos os sexos garbosamente formadas em volta das suas bandeiras.

Em Lisboa saía habitualmente o cortejo da Praça dos Restauradores, levando á frente o Carro do Trabalho e a comissão promotora, na qual longos anos se encorporaram Azedo Gneco, Ernesto da Silva, Teodoro



Carro triunfal do trabalho, que figurou no cortejo do 1.º de Maio de 1897, em Lisboa

Ribeiro e tantos outros, de cujo número algumas vezes fizemos parte.

Saudosos tempos em que a mocidade ainda nos sorria!

Ao Carro do Trabalho seguiam-se outros carros, carretas e mais veículos simbólicos, ladeados por grande número de membros dos respectivas classes.

O povo aglomerava-se escalonado em densas alas pela Avenida fóra, á espera de ver passar o cortejo do 1.º de Maio, seguindo-o muitos na rectaguarda a compôr uma multidão de alguns milhares de homens e mulheres.

E a imprensa burgueza, os grandes quotidianos, o «Diário de Notícias» e o «Seculo» á frente, eram todos socialistas naquele dia, publicando artigos entusiásticos a acompanhar gravuras de pagina inteira, enaltecendo os braços musculosos dos que trabalham, a excelencia das classes productoras e a alta justiça das suas reivindicações!

Decorridos dois dias, porém, desfavelavam a máscara que tinham posto, e voltavam á exploração politico-burgueza de sempre!

Já lá vão, de facto, muitos anos que tudo isto se passou.

Porque não se repetem mais os cortejos do 1.º de Maio? — pergunta-se. Acaso o socialismo desarmou, succumbiu?

Não. Apenas evolucionou como tudo quanto existe sobre a Terra e fóra dela.

O Socialismo traduzia uma aspiração honestissima, porém, nebulosa, um pouco vaga, indecisa. O ideal de emancipação do Quarto Estado existia no fundo da consciencia proletaria, mas sintetizado no colectivismo de Karl Marx.

Esta aspiração comum, ainda mal definida, era o que unia todos os proletarios, e os levava a entender-se numa obra de propaganda intensa.

O 1.º de Maio serviu maravilhosamente essa obra, comunicando calor social a todos, generalizando as aspirações emancipadoras que depois o estudo e a sciencia teriam de definir e pormenorizar.

Esta segunda fase do movimento social moderno — a minuciosa solução dos problemas que o Socialismo na sua primeira alvorada apenas esboçara—foi o que veio tornar inviáveis as anteriores celebrações

do Cortejo Civico do 1.º de Maio com o desfolhar de flôres no túmulo de José Fontana e o Comício que se lhe seguia, entusiástico, concorridissimo.

O Socialismo, em Portugal como lá fóra, passou a ser um termo genérico com que se abrange as várias escolas filosóficas, suas derivadas, com os nomes de Colectivismo, Anarquismo, Comunismo e Sindicalismo entre nós.

Em Portugal, como em todo o mundo externo, o Socialismo como Partido politico-social, afrouxou a sua actividade, para dar logar á intensificação das novas escolas sociais que melhor definem o como e o porquê das futuras instituições igualitárias.

O elemento principal do antigo Partido Socialista — o operariado — separou-se, devido a esta evolução de principios que o levou a organizar-se livremente e distanciando dos manejos politicos da burgueza, e nunca por erros atribuidos ao Congresso Socialista de Tomar.

Se não fóra esse Congresso, outro qualquer acontecimento determinaria esta separação.

As divisões de escolas determinadas pela evolução da sciencia social, como preparativo para atingir o término da emancipação humana, longe de ser um enfraquecimento, atestam os progressos da inteligencia humana no caminho das futuras reivindicações que teriam de ficar inexequíveis e impraticáveis enquanto a sciencia não as definesse.

As experiencias, a despeito da fragmentação das escolas, vão realizando-se com todos os ensinamentos que aproveitam ao futuro.

A experiencia da Russia já permitiu examinar o que no colectivismo Marxista ha de aproveitavel e de inutil.

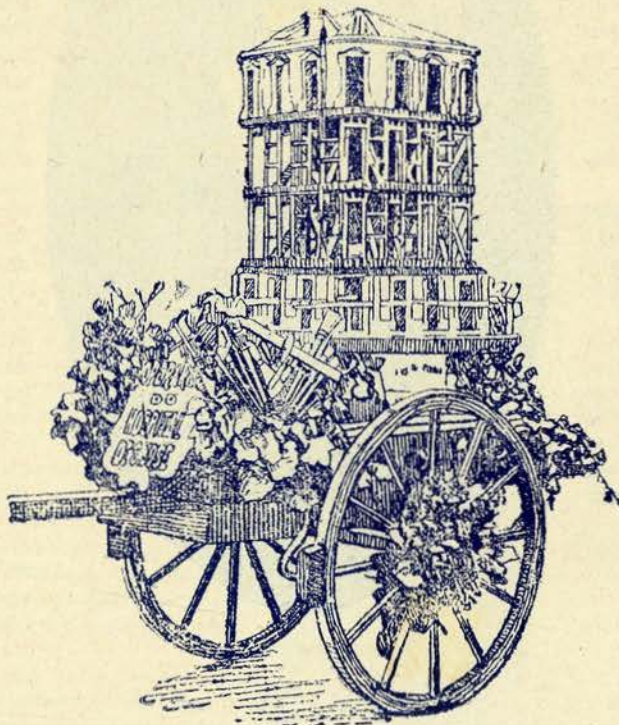
Novas experiencias vão seguir-se, e em sciencias sociais, exactamente como em sciencias fisicas, quimicas, biologicas e outras, é da soma das experiencias, com todo o seu cortejo de victimas e sacrificios, que resulta o progresso.

Saudemos com respeito o passado donde viemos e confiemos no Futuro radiante e glorioso que a consciencia colectiva da Humanidade vem de ha muito propagando e está prestes a atingir.

Não ha movimentos inuteis; todos eles se traduzem em Progresso ilimitado, em vantagens infindas.

Lisboa, 1926.

Ladislau Batalha.



Carro alegorico dos operarios do Hospital de S. José, no cortejo do 1.º de Maio de 1897.

UM REVOLUCIONARIO INDIANO

RABINDRANATH TAGORE



movimento nacionalista indiano tem o seu grande apóstolo: — Mahatma Gandhi. Inspira-o um grande profeta, Rabindranath Tagore. O apóstolo é grande, é toda a Índia convulsionada, toda uma nacionalidade que quer ser livre. O profeta é maior, é imenso, tão grande que a sua ansia de liberdade toma a forma superior da emancipação do mundo. Ante a figura gigan-

tesca de Tagore, a Índia é um pormenor, é um incidente da grande luta universal, a Índia é um ponto de partida, uma barraca de campanha, uma escola de nacionalismo moderno, o anfiteatro da grande, da ideal universidade, onde os homens aprendem o caminho da sua integração nos verdadeiros destinos da humanidade, e os nacionalistas travam conhecimento com o verdadeiro significado das nacionalidades.

A sua obra, toda a sua vida é o poema dum homem que é, ao mesmo tempo, guerreiro, filósofo e pedagogo.

Tagore tem a sua odisséia de combatente, as suas teorias muito personalizadas de modelador de pátrias livres, a sua universidade onde é um mestre criador de caracteres.

Com inaudito arrojo, ele investe contra a própria Índia, contra a sua pátria que quer ser livre de todas as tutelas, contra a escravatura do passado, os grilhões da tradição com os preconceitos de casta e exclusivismo das leis, e contra as algemas de uma civilização opressora que despersonaliza, que entrava toda e qualquer expansão.

«A Índia, — proclama, — não poderá assistir

ao completo desabrochar da sua emancipação, enquanto for admitido o velho preconceito das castas».

«O particularismo tradicional da sua cultura deve ceder o lugar ao desejo veemente de alicerçar a educação nacional sobre o tesouro lavado pela Humanidade.»

Para Tagore, o patriotismo é a expressão justa de uma afirmação de personalidade, baseado numa afinidade ideológica e nunca demarcado pelos interesses materiais. É o conceito anarquista da cooperação de todo o mundo com base na formação dos grupos.

A pátria é a individualização dum aglomerado, e o destino de uma pátria é a intensificação desse aglomerado para oferecer os seus esforços á criação duma moral que seja uma irreductível afirmação dum direito, e duma justiça universal.

Assim, o nacionalismo indiano, tal como o pretende, como confessa Tagore, não é a formação duma força dentro de uma nação, força capaz de oprimir em seu poder de expansão outras nacionalidades, mas sim o desenvolvimento e a personalização dum grupo com fins ideológicos e meios de acção capazes de projectar sobre os outros povos o mesmo desejo de libertação, idêntica elevação visando a justiça, a dignidade humana.

E assim, em sua escola, Tagore defende um franco enciclopedismo, uma cultura sem restrições de obediência ao tradicionalismo, ao mesmo tempo que modela

almas capazes de sentirem não só a dor da Índia escravizada, mas a angústia do mundo inteiro, submetido a uma odiosa escravidão económica e moral.

E. F.



Rabindranath Tagore

A Scenografia da Vanguarda

Um dos ramos artísticos que ultimamente mais tem florescido sob o sol do triunfo, é a scenografia.

Esses scenarios arabescados, essas *mise-en-scenes* congestionadas pela decoração e pelo mobiliário, que es-



«Hamlet» — Explanada do castelo, por Mignoni

tavam para a sobriedade artística como o barroco estava para as linhas arquitetônicas egípcias, desapareceram já de todos os palcos onde o espírito moderno comunica com o público — o verdadeiro público do século XX.

Com Meyerkord, Tairof e Massine, a Rússia em 1918 fazia cair, num gesto irreverente e hercúleo, a hacha da renovação sob a cabeça já calva da rotina — abrindo-a de meio a meio para mostrar que se algum dia ela teve cérebro, este agora estava reduzido a pó...

...E Shakespeare foi representado nos grandes teatros populares com scenarios sintéticos, francamente modernos.

E pouco a pouco as novas formulas invadiram a Europa, surgiram os Max Reinhardt, os Gordon Graig, os Bragaglias...

Os scenarios de «L'Amier» de Gerardy, já foram feitos sob a preocupação de que a atenção dos espectadores, em vez de convergir-se para a decoração, se fixasse na parte capital da obra — o dialogo e a atitude dos personagens.

Sabe-se, por longa experiencia, que as *mise-en-scenes* complicadas são um motivo de atracção para o espectador, prejudicando assim a emoção que a alma deste deve receber através do conflito dos personagens da obra em representação.

O italiano Aquiles Ricciardi chega a defender o prin-

cipio de se collocarem em scena apenas os moveis necessarios aos personagens — apenas aqueles que estejam pela acção da peça ligados aos proprios gestos e movimentos dos actores.

Outra corrente de certa maneira ligada aquella, é essa que exige, dentro de linhas sobrias, que a decoração da scena, não só objective o meio em que a peça decorre, como tambem surgira o ambiente mental que o autor quere insuflar na alma dos espectadores.

Ricciardi chega a exemplificar: No «Hamlet» para estar de acordo com o pensamento do seu autor, eu vejo formas largas, arcos em ogiva, ciprestes conicos, esse algo torturante e extranho que ha nas telas de «Greco».

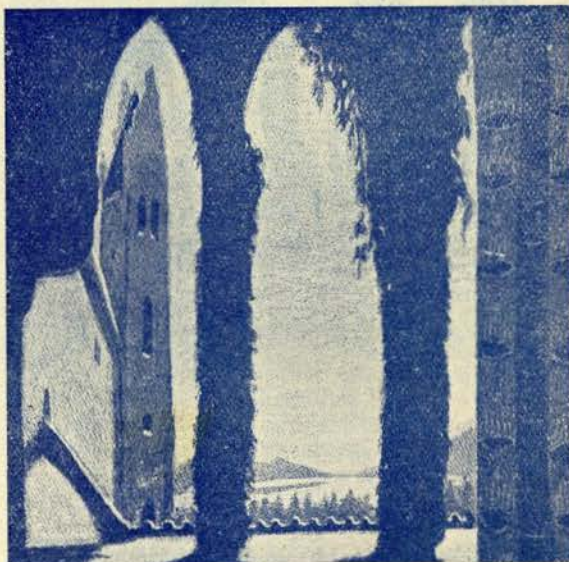
Todos os scenarios, dos quais reproduzimos dois, feitos por Fernando Mignoni para a celebre obra de Shakespeare, abedecem áquele criterio.

Marcha-se, pois, para uma completa renovação scenografica.

As exuberancias de Bakst e essas outras exuberancias que o triunfo dos bailados russos tornaram moda na Europa, entram em decadencia, e se se compreendem nas obras feéricas, já não se justificam nas obras cuja ficção pretende vir até a alma do espectador, como verdade.

A scenografia, hoje, ou se mantem neutra á acção dramatica, como a quere o inglez Gordon Craig, ou sugere, dentro da sua sobriedade e sem preocupação de anedocta pictural, o mundo subjectivo sonhado pelo autor da peça.

Uma nova corrente, porem, se enunciou, formada por alguns futuristas e expressionistas, onde ao manter-se o principio de sugerir, se fugia á sobriedade e á parte anedoctaria. Nesta corrente está a *maquette* scenografica



Outro scenario para «Hamlet» por Mignoni

que reproduzimos, feita pelo futurista Prompolini para o quadro *A selva das serpentes*, da obra de Marinetti, *O tambor de Fôgo*.

Uma outra inovação, mais salientada pelo seu aspecto pratico do que pelo seu valor artistico, foi essa que fez



«O claustro» e «O bosque»—Dois aspectos diferentes dum só scenário de Nicolás Lipski, feito para «Pelleas e Melisândra».

o pintor russo Nicolás de Lipski, com os seus scenarios «transformistas».

O caso, porem, de Lipski está mais dentro do invento do que da renovação.

Num mesmo scenario, aquele artista pinta dois quadros totalmente diferentes, destacando-se um e agregando-se o outro conforme a posição e a côr da luz que para ele convergir.

E' algo assim como esses desenhos de almanaque onde ha uma mulher com esta legenda — «Onde está o homem?... Descoberto o homem, é este o que brilha an-



Scenário expressionista

te os nossos olhos, enquanto a mulher se apaga — e o quebra-cabeças fica decifrado...

Todavia, estes acenarios, dos quais reproduzimos um, nos seus dois aspectos diferentes, tem obtido bastante exito, desde que a celebre bailarina Pacalowa estreou o primeiro num teatro de New York. Esse exito deve-se á utilidade da invenção de Lipski, que permite ás companhias teatraes, especialmente as que viajam, levar apenas a metade do material scenografico vulgarmente empregado.

Mas que representam perante a vida colectiva todas essas tentativas de inovação?

Muito. Elas são bem um sintoma da inquietude, do anseio renovador, que presidem á nossa epoca. Elas, num momento em que os reaccionarios pretendem que o mun-



do retroceda para as epocas de despotismo, evidenciam, como tantas outras manifestações, aos nossos contemporaneos, que o mundo só pode marchar para a frente, sempre mais para a frente...

F. de C.

O cinquentenário do telefone

O mês passado, comemorou-se na América o cinquentenário dum dos mais interessantes inventos modernos: o telefone.

De facto, foi em 1876 que o escossês Alexandre Graham Bell conseguiu a primeira transmissão do som através de fios, em Boston. No mesmo ano, o aparelho concebido por Bell foi apresentado na exposição de Filadélfia, incidindo sobre ele a atenção de todo o mundo culto.

Bell foi bastante infeliz. A sua invenção, contestada e combatida, só se impoz e triunfou após longos anos de combate; mas o inventor, em luta contra um meio hostil e contra competidores endinheirados, e que de tudo conseguiu triunfar, mercê da sua perseverança, não assistiu à festa consagratória que acaba de fazer-se à sua imortal criação: morreu a 2 de Agosto de 1922, em Washington.

No entanto, viu ainda essa consagração, na enorme expansão que teve o seu invento, principalmente nos Estados Unidos, onde existem nada menos de dezassete milhões de aparelhos telefonicos montados, isto é, 15 telefones por cada 100 habitantes.

A mais poderosa estação de T. S. F.

A estação de telegrafia sem fios mais poderosa do mundo é a Hilmorton, próximo de Rugby, cidade inglesa na Grã-Bretanha. Custou 400.000 libras, ou sejam perto de quarenta mil contos.

Hilmorton transmite noticias três vezes por dia: ao meio dia, às 20 horas e à meia noite. As suas iniciais são G. B. R. e trabalha, actualmente, em ondas de 15.740 metros.

As suas transmissões são feitas em lingua inglesa, com o alfabeto Morse; transmite apenas 18 palavras por minuto, para garantir a perfeita recepção dos seus comunicados.

O QUE TODOS DEVEM LÊR

A BATALHA
DIÁRIO DA MARXISTA PORTALVOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA
PREÇO DE COTAÇÃO — ANO VIII — Nº 2028
12 DE AGOSTO DE 1926

A Batalha
SUPLEMENTO SEMANAL ILUSTRADO
13 de Julho de 1926
19 DE JULHO DE 1789
TOMADA DA BASTILHA
Celebramos, com o povo francês, a data de amanhã, que assinala o acto de revolta cujos efeitos galgaram as fronteiras, irradiando...

ABATALHA
PORTALVOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA
Almanaque para 1926
1 ANO — Preço 5 Esc.

RENOVAÇÃO

O maritimo de Jajia
TODOS os dias — o diário **A Batalha**
Às segundas feiras — o Suplemento Semanal de **A Batalha**
Nos dias 1 e 15 de cada mês — a revista gráfica **Renovação**
Durante todo o ano — o Almanaque de **A Batalha**

Todos os dias — o diário **A Batalha**

Às segundas feiras — o Suplemento Semanal de **A Batalha**

Nos dias 1 e 15 de cada mês — a revista gráfica **Renovação**

Durante todo o ano — o Almanaque de **A Batalha**



Renovação

REVISTA GRAFICA
DE
NOVOS HORIZONTES SOCIAIS
Arte, Literatura, Actualidades

Aparece em 1 e 15 de cada mês

Número solto, 1\$50

CONDIÇÕES DE ASSINATURA:

Portugal, colonias e Espanha

3 meses	9\$00
6 "	18\$00
Ano	36\$00

Estrangeiro

6 meses	24\$00
Ano	48\$00

AGENCIAS

Paris — *Livraria Internacional* — Rue Petit, 14 (19*).

New Bedford, Mass (U S A.) — *Livraria Contemporânea* — 56. Nelson St.

Argentina — *José Francisco de Jesus* — Cassilla, 19 — Comodoro Rivadavia Chubut.

Funchal — *Bureau de la Presse*.

ANÚNCIOS

No interior e última página da capa, ilustrados e a cores, preços convencionais com a

ADMINISTRAÇÃO

Calçada do Combro, 38-A — LISBOA

Não basta lêr a **Renovação**. E' preciso espalhá-la! Se cada um dos seus actuais assinantes angariasse um assinante novo, **Renovação** poder-se-ia publicar com o dobro de páginas sem alteração de preço.

Renovação retribue as fotografias interessantes que lhe sejam enviadas pelos seus leitores sôbre acontecimentos que interessem a vida operária, tais como: manifestações populares, grèves, congressos, comícios, desastres no trabalho, festas associativas, inauguração de escolas, cooperativas operárias, etc.